



Volume 17, jan./dez. 2023  
ISSN: 2317-0352

---

## RESENHA

### **Nós: o fim da individualidade e uma doença chamada imaginação**

### **Us: the end of individuality and a disease called imagination**

**Micheline Dayse  
Gomes Batista**

Doutora e mestra em  
Sociologia pela UFPE.  
Bacharel em Comunicação  
Social pela UNICAP. E-mail:  
[micheline.batista@gmail.com](mailto:micheline.batista@gmail.com)

#### **Dados da obra**

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivánovitch. **Nós**. Tradução:  
Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017. 344p. ISBN  
978-85-7657-311-1.

Quando o russo Ievguêni Ivánovitch Zamiátin escreveu *Nós*, no início da década de 1920, Lenin ainda era vivo e governava a recém-criada União Soviética. Apesar de ter apoiado a Revolução Russa, o autor nunca aceitou a censura imposta pelos bolcheviques. Foi preso e exilado várias vezes. Seus trabalhos foram banidos – inclusive *Nós*, publicado pela primeira vez nos Estados Unidos. Seu último exílio, contudo, foi voluntário. Em 1931, escreveu carta a Stálin, secretário geral do Partido Comunista, solicitando permissão para abandonar seu país alegando perseguição política. Assim, instalou-se com a esposa em Paris, onde veio a falecer em 1937 aos 53 anos, pobre e vítima de infarto.

Zamiátin era filho de uma musicista e de um sacerdote e professor russos. Cursou engenharia naval em São Petersburgo, mas foi preso e exilado durante a revolução russa de 1905. Viveu clandestinamente e só conseguiu concluir seus estudos na Finlândia, em 1906. Depois de formado, começou a escrever ficção como passatempo. Publicou alguns contos, editou revistas e deu palestras. Em 1911, foi preso e exilado novamente. *Ujezdmoje (Coisas de Província)*, escrito em 1913, ano em que foi anistiado, já satirizava a vida numa pequena cidade russa. *Nós* foi produzido

entre 1920 e 1921 e publicado pela primeira vez em 1924 em inglês, em Nova York, por estar proibido na então União Soviética. Em russo, só seria publicado três anos depois, em um jornal de emigrados.

Ainda que *Nós* descreva a vida sob um governo totalitário – o Estado Único –, não é à União Soviética que o autor se refere. É um romance distópico que se passa no século XXVI, considerado o precursor de diversas outras distopias, como *Admirável mundo novo*, de Adous Huxley, e *1984*, de George Orwell. Muitos chamam a obra de “distopia original” ou “pedra fundamental” do gênero. O próprio Orwell, ao escrever uma resenha publicada em 1946 na revista inglesa *Tribune*, exalta a ousadia política do livro. “O que Zamiátin parece visar não é um país em particular, mas os objetivos inferidos da civilização industrial”, comenta o escritor inglês (p. 322). “Com efeito, é um estudo da Máquina, o gênio que o homem impensadamente libertou da lâmpada e não conseguiu colocar de volta.” (p. 323)

A edição em capa dura da Aleph é primorosa, traduzida diretamente do russo por Gabriela Soares. Traz, como leituras complementares, tanto a carta de Zamiátin a Stálin quanto a resenha de Orwell. A narrativa é bastante fragmentada, escrita em 40 “anotações”. O personagem central é D-503, um engenheiro que vive pleno e feliz e que vê sua vida virar ao avesso ao cometer o “crime” de se apaixonar por I-330, uma mulher misteriosa que gosta de burlar as regras e que se revela membro de um movimento clandestino que almeja derrubar o Estado Único. Eles vivem em uma sociedade em que apenas 0,2% da população (algo em torno de 10 milhões de pessoas) sobreviveu à chamada guerra dos 200 anos, travada entre a cidade e o campo, depois do que a cidade foi envolta por um Muro Verde. Esse muro separa a civilização do “mundo selvagem”, o que inclui plantas e animais.

Como em *1984*, em que existe a figura do Grande Irmão, o Estado Único é governado pelo onipresente Benfeitor. O “brinquedo” do Benfeitor é a Máquina, a guilhotina que silencia os dissidentes. “É esta apropriação intuitiva do lado irracional do totalitarismo – sacrifício humano, crueldade como um fim em si, idolatria de um Líder a quem se atribuiu características divinas – que faz do livro de Zamiátin superior ao de Huxley”, escreve Orwell (p. 321). Esta sociedade matematicamente perfeita está construindo uma nave espacial – a Integral – para trazer à razão habitantes de outros planetas que, por ventura, ainda vivam em “estado selvagem de

liberdade”. O personagem D-503 é seu construtor-chefe, inspiração que Zamiátin possivelmente foi buscar no período em que passou trabalhando para o governo russo na Inglaterra em 1916, supervisionando a construção de navios em estaleiros.

Que sociedade é essa em que as pessoas não têm nome e sim números, gravados em placas douradas afixadas em seus uniformes? Somente esse aspecto já suscita inúmeras reflexões sociológicas. Para Elias (1994), o nome próprio é o elemento individual e individualizante, símbolo da singularidade da pessoa. Já os uniformes que as pessoas vestem na sociedade imaginada por Zamiátin, de acordo com Simmel (1998), podem ser entendidos como uma moda obrigatória e, como tal, dão a seus usuários a tranquilidade de não estarem sozinhos. Seguindo o raciocínio deste autor, ao imitarem uns aos outros, os personagens de *Nós* estariam sendo conduzidos pelo grupo e é isso que garante o apoio social.

Mas, em Utopia, o Estado Único usurpou não apenas a individualidade como também o livre arbítrio, a liberdade de expressão e, sim, o direito à vida. “O princípio condutor do Estado é que felicidade e liberdade são incompatíveis”, diz D-503. Ora, a liberdade é um dos valores mais caros ao mundo moderno, assim como a individualidade. Na tradição liberal (em Descartes e Kant, por exemplo), o sujeito é autônomo e autoconsciente, fonte de todo pensamento e de toda ação. “Atualmente a função primordial do termo ‘indivíduo’ consiste em expressar a ideia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma”, explica Elias (1994, p. 130). O termo “indivíduo” também significa que “cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais”. Na ficção escrita por Zamiátin, um dos símbolos do fim da individualidade é justamente o uniforme azulado, idêntico para todos e todas. Não existe um Eu, apenas um Nós homogêneo, enquanto que, nas sociedades mais desenvolvidas de nossa época, a identidade-eu é muito mais valorizada do que a identidade-nós, como observa Elias. “A primeira suplanta a segunda” (ELIAS, 1994, p. 130).

A liberdade é descrita pelo narrador de *Nós* como um “estado de desorganização selvagem”, em que as pessoas viviam “como feras, macacos, como rebanhos”. Algo comparável a um crime. Em um mundo regido pela lógica matemática e pelo “racionalismo mecânico”, o Estado dita as horas de trabalho, de lazer, das refeições e até do sexo – não existem casamentos e um talão de bilhetes cor de rosa é o passaporte

para o ato sexual. Seus habitantes vivem em casas de vidro, vigiados pelos próprios vizinhos e pelos Guardiões, a polícia política. E o que as pessoas fazem nas horas vagas? Após as refeições, o “passeio” é marchar em fileiras, radiantes e sorridentes, enquanto a Fábrica Musical toca o hino do Estado Único, formando uma “poderosa corrente”. Apenas nas “horas pessoais”, das 16h às 17h e das 21h às 22h, estabelecidas na Tábua das Horas, é permitido baixar as cortinas e ter alguma intimidade. Até o amor foi “organizado e matematizado”: “todo número tem direito a qualquer outro número como produto sexual” (p. 42).

A Tábua das Horas é o que organiza a vida em Utopia e faz com que, a cada manhã, todas as pessoas levistem da cama exatamente no mesmo segundo, comecem e terminem o trabalho na mesma hora e comam no mesmo minuto, “fundidos num único corpo com milhões de mãos”. Os relatos de D-503 sobre como era o mundo antes da guerra dos 200 anos são bem interessantes. Vejamos:

Fui obrigado a ler e ouvir muitas coisas incríveis sobre a época em que as pessoas ainda viviam livres, isto é, num estado de desorganização selvagem. Mas o que sempre me pareceu mais incrível é exatamente isto: como pôde o poder estatal daquela época – ainda que fosse embrionário – permitir que as pessoas vivessem sem algo parecido com a nossa Tábua, sem os passeios obrigatórios, sem regulamentação exata dos horários das refeições? Levantavam-se e deitavam-se para dormir quando lhes desse na cabeça. Alguns historiadores dizem, inclusive, que naquele tempo as ruas ficavam iluminadas durante a noite inteira, e as pessoas caminhavam e dirigiam a noite inteira (ZAMIÁTIN, 2017, p. 31).

No mundo criado por Zamiátin não há espaço para a imaginação e o simples ato de sonhar é considerado uma doença. Inventaram até uma cirurgia para “extirpar” a imaginação dos números, evitando que se transforme em uma epidemia. Ao acordar sobressaltado após um sonho, D-503 não sabe se vá ao departamento médico ou ao departamento dos guardiões denunciar os delitos de I-330, como, por exemplo, usar roupas coloridas, fumar e beber licor. Mas acaba não indo nem a um lugar nem a outro, pois na verdade está apaixonado e tomado pelo ciúme, o que é inadmissível na sua sociedade. Tornou-se incapaz de controlar seus sentimentos. Agora ele até sonha e percebe o sol rosado, transparente, morno e dourado da manhã, ao invés da luz azulada filtrada pelos vidros da redoma onde vive.

Além de habitarem casas de vidro, os cidadãos de Utopia se alimentam com uma comida a base de petróleo. Os carros voam e são chamados de “aeros”. O século

XX foi deixado para trás e suas referências viraram quadro de museu, como numa das recordações de D-503, cuja pintura descreve uma avenida daquele tempo como “um emaranhado, um tumulto de gente, de rodas, animais, cartazes, árvores, cores, pássaros... E dizem que isso tudo realmente existiu” (p. 22). Zamiátin, porém, não se alonga muito descrevendo os avanços tecnológicos dessa sociedade fictícia situada 600 anos à frente da nossa época. O foco de sua narrativa parecem ser os aspectos distópicos de viver sob um governo totalitário, o que não deixa de provocar muitas reflexões sobre países reais que vivem sob regimes autoritários ou ditatoriais.

Em *Nós*, o “Número dos Números” é o Benfeitor, cultuado como um deus e reeleito todos os anos no Dia da Unanimidade. O objetivo desse dia é relembrar que todos os “números” são um organismo único, formado por milhões de células, estruturando uma única Igreja. O voto unânime no Benfeitor e a previsibilidade do resultado garantem essa unicidade. O voto livre e secreto como conhecemos hoje nas sociedades democráticas é comparado no livro a um ritual místico, supersticioso e mesmo criminoso, já que um não sabe em quem o outro está votando.

Sem dúvida, isso não é parecido com as eleições confusas e desorganizadas dos antigos, quando – é engraçado dizer – o resultado das eleições sequer era conhecido de antemão. Construir um governo sobre casualidades inteiramente incalculáveis, às cegas – o que pode ser mais sem sentido? (...) Dizem que os antigos realizavam eleições de uma maneira secreta, escondendo-se como ladrões; (..) Para que era necessário todo esse mistério, até agora isso não foi esclarecido de maneira cabal; o mais provável é que as eleições estivessem conectadas a ritos místicos, supersticiosos e, talvez, até criminosos. [...] Eu vejo todos que votam no Benfeitor – e não poderia ser diferente, uma vez que “todos” e “eu” somos um único “Nós” (ZAMIÁTIN, 2017, p. 188-189).

Em toda a história do Estado Único, ninguém havia “perturbado” o Dia da Unanimidade com uma voz dissonante. Mas algo de diferente acontece no dia das eleições em Utopia no 48º ano, um “distúrbio provocado pelos inimigos da felicidade” (p. 202). Obviamente, como se trata de uma distopia, essa dissonância não termina nada bem para os envolvidos. Além da guilhotina, o Benfeitor, com a sua “mão hábil e pesada”, utiliza-se de outras técnicas violentas para se manter no poder, como câmaras de gás, choques elétricos e lobotomia. Como pontua Arendt (1985, p. 22), a violência é usada por governos totalitários e ditaduras como forma de manutenção do

domínio e do próprio poder, que para a autora é um fim em si mesmo. Seja em sociedades reais ou fictícias, o poder não precisa de justificativas.

## **Bibliografia**

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

SIMMEL, Georg. “Da psicologia da moda: um estudo sociológico”. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB, 1998, p. 161-170.

***Recebido em: 04/07/2023.***

***Aceito em: 01/08/2023***